



Em crise com Flávio, Michelle deixa PL Mulher

Ex-primeira-dama anuncia saída do cargo para — segundo diz — cuidar do marido e da filha. Decisão ocorre em meio ao conflito com o enteado, acusado por ela de misoginia. Valdemar Costa Neto afirma que a mulher do ex-presidente “passa por um momento difícil”

» FERNANDA STRICKLAND

PL Mulher Nacional/Flickr

Em meio ao conflito com o enteado e senador Flávio Bolsonaro, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro anunciou, ontem, a saída da Presidência do PL Mulher. Segundo ela, a decisão foi tomada após conversar com o marido e se reunir com o presidente do partido, Valdemar Costa Neto. Em nota, Michelle disse que pretende se dedicar “integralmente” aos cuidados com a filha e com Jair Bolsonaro — que cumpre prisão domiciliar humanitária por tentativa de golpe de Estado e outros crimes.

No comunicado, a ex-primeira-dama afirmou que, após refletir sobre o momento vivido pela família, decidiu deixar o cargo. Ela agradeceu às lideranças estaduais e municipais do PL Mulher e destacou o trabalho realizado durante a sua gestão.

A decisão acontece em meio à crise pública envolvendo Flávio Bolsonaro, pré-candidato à Presidência da República pelo PL. Na semana passada, Michelle postou vídeo nas redes sociais em que denunciou ter sido alvo de misoginia por parte do enteado, no fim do ano passado. A ex-primeira-dama afirmou que foi desrespeitada e humilhada por divergir do senador em relação ao apoio do partido a Ciro Gomes (PSDB), no Ceará.

Segundo relatos de pessoas próximas, Michelle teria comunicado a parlamentares aliados que desistiu de concorrer ao Senado, justamente por causa do desgaste provocado pela crise no clã, além da repercussão negativa do episódio. Aliados afirmam que Michelle está se sentindo “esgotada” com a exposição provocada pelo embate e avaliam que o cenário contribuiu para que ela reconsiderasse a participação na disputa. Mesmo com a sinalização de desistência, integrantes do grupo político ainda tentam convencê-la a manter a candidatura.



Na semana passada, Michelle acusou Flávio de tê-la desrespeitado e humilhado, o que provocou abalo na pré-campanha do senador à Presidência

Costa Neto

Valdemar Costa Neto também se manifestou, em nota. Ele disse que “Michelle passa por um momento difícil, sente de perto as injustiças e as angústias que o maior líder da história recente deste país vem passando”.

O presidente do partido também enalteceu o trabalho da ex-primeira-dama no PL Mulher, mas acrescentou que ela resolveu deixar o cargo “porque fez a opção de concentrar suas atividades em cuidar do nosso presidente”. “Temos de respeitar essa decisão”, frisou.

O dirigente ressaltou que o PL cresceu demais e que “divergências crescem também”. “Temos muitos

líderes no partido e, por maiores que sejam as divergências, o que nos une é muito maior”, destacou.

Em postagem nas redes sociais, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) parabenizou Michelle e se disse orgulhosa da ex-primeira-dama. Ela elogiou o trabalho da amiga à frente do PL Mulher. “O que você fez, Michelle, mudou para sempre a história da participação das mulheres na política. Você não apenas identificou lideranças; você despertou em mulheres comuns — mães, esposas, trabalhadoras — o desejo genuíno de participar e transformar a nossa nação”, escreveu. “Seus eventos nunca foram meros encontros festivos, eram treinamentos reais,

Minervino Júnior/CB/D.A Press



preparando um exército feminino alicerçado em valores.”

Damares acrescentou: “Agora, você se afasta dessa liderança direta para cuidar da sua família e do nosso grande líder, que tanto precisa de você neste momento. Essa decisão só mostra o que sempre soubemos: você tem uma causa, e não um projeto de poder”.

“As mulheres que caminharam conosco até aqui: a Michelle não está jogando a toalha. Ela plantou a semente e nos deu as ferramentas. O recado dela para cada uma de nós é claro: fiquem firmes! Estejam prontas para os desafios da política. A colheita de tudo o que ela plantou começou agora, e nós somos a continuidade dessa missão”, afirmou.



Após muito refletir com o meu marido sobre o momento em que estamos vivendo em nossa família, reuni-me com o presidente do Partido Liberal e lhe comuniquei a minha decisão”

Michelle Bolsonaro, em nota

Kassab vice de Caiado

» EDUARDA ESPOSITO

O ex-governador de Goiás e pré-candidato à Presidência pelo PSD, Ronaldo Caiado, deve anunciar, hoje, o presidente da legenda, Gilberto Kassab, como vice para a corrida ao Planalto. A decisão selará a segunda chapa presidencial para as eleições deste ano — o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) já havia anunciado a recondução de Geraldo Alckmin (PSB) como vice.

A menos de um mês para o início das convenções partidárias, o PSD faz esse movimento para fortalecer Caiado entre os pré-candidatos aos governos estaduais da legenda. O evento de hoje está marcado para as 11h, na sede nacional da legenda, em Brasília.

Há algumas semanas, cogitou-se uma possível aliança com o ex-governador de Minas Gerais e também pré-candidato ao Planalto Romeu Zema (Novo).

A confirmação do presidente da legenda como vice na chapa de Caiado é lida por parlamentares do partido como uma forma de “tornar mais difícil” uma negativa de palanque para o ex-governador nos estados. Em alguns dos entes federativos, nomes da sigla poderão fazer palanque também para Lula. A governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, é o caso mais emblemático, assim como na Bahia — estados considerados muito esquerdistas e com maior número de eleitores do petista pela legenda. Com isso, o partido considera difícil pedir neutralidade ou oposição para os postulantes do PSD nesses colégios eleitorais.

Pesquisas mostram que Caiado apresenta de 2% a 3% de intenções de votos. Em uma tentativa de se tornar mais conhecido fora de Goiás, ele está viajando o Brasil desde o começo do ano passado.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Temporada de busca do vice ideal começa com dobradinha Caiado e Kassab

A escolha do vice tem se revelado um dos nós mais espinhosos da atual pré-campanha, porque combina necessidades de costura partidária, cálculo eleitoral e gestão de riscos. Hoje, quem sai na frente é Ronaldo Caiado, pré-candidato do PSD, com a indicação de Gilberto Kassab como vice. A antecipação da decisão tem muito a ver com as dificuldades enfrentadas pelo ex-governador de Goiás, cuja campanha está estagnada.

A entrada de Kassab na chapa, tudo indica, tem por objetivo evitar a cristianização de Caiado, que enfrenta dificuldades internas no PSD para unificar a legenda e mobilizar a máquina partidária. Caiado oscila em torno de 3% nas pesquisas e precisa alavancar sua candidatura, cujo patrono é Kassab, depois da desistência do governador do Paraná, Ratinho Junior, e do fato de

ter descartado o nome de Eduardo Leite, o governador do Rio Grande do Sul, que poderia atrair para vice um nome do PSDB.

Figura de centro e dirigente partidário, Kassab tentou encontrar alternativas que ampliassem o apoio a Caiado, como o ex-governador capixaba Paulo Hartung, mas não obteve sucesso. A escolha mostra também o voo curto de candidatos que migram de legendas maiores, porque sair do União Brasil reduziu o espaço de negociação nacional de Caiado com o Centrão, tornando o apoio do PSD mais necessário e, ao mesmo tempo, insuficiente para viabilizar uma terceira via competitiva.

No campo bolsonarista, a escolha do vice de Flávio Bolsonaro (PL) continua um ponto de interrogação. Havia uma hipótese de aliança com o ex-governador de Minas Romeu

Zema, mas o envolvimento do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro com o caso Master afastou o candidato do Novo de uma possibilidade de coligação. Para qualquer estrategista de campanha, diante das circunstâncias, o nome ideal para vice de Flávio seria Michelle Bolsonaro, a ex-primeira-dama, mas é aí que vida se mostra mais complicada do que supõem as soluções simples.

Michelle

A relação entre Flávio Bolsonaro e Michelle Bolsonaro virou um incêndio no parquinho do bolsonarismo, que mostra a falta de coesão familiar e diferenças de projeto pessoal. Flávio mantém o respaldo formal do PL, mas o atrito com Michelle abriu possibilidade de rearranjos que, nos bastidores, chegam a considerar a

ex-primeira-dama como alternativa, caso a candidatura de Flávio venha a se complicar ainda mais devido às relações perigosas com o banqueiro Daniel Vitorcaro. Ninguém sabe o nível de comprometimento que existia entre ambos, mas os dois sabem.

O descontentamento público de Michelle com o tratamento que recebe de Flávio e dos demais filhos do ex-presidente da República é mais um sinal de fragilidade do candidato do PL. Mostra um núcleo partidário dividido e uma campanha descolada de seu próprio partido. Michelle tem luz própria, montou uma ala feminina combativa e numerosa, com uma agenda transversal antimachista que descontenta o bolsonarismo raiz naquilo que é uma de suas características: a misoginia. Além disso, é candidata favorita a uma das vagas do Distrito Federal (DF) no Senado.

A prioridade do comando do PL tem sido preservar Flávio como cabeça de chapa e evitar substituições que provoquem fissuras internas; ainda assim, a escolha do vice precisará

neutralizar tensões pessoais e articular apoios regionais sem se transformar em foco de novos conflitos. O bombeiro na crise é o presidente da legenda, Valdemar Costa Neto, raposa da política de bastidor.

Alckmin

A chapa de Luiz Inácio Lula da Silva com Geraldo Alckmin é hoje a exceção à regra de incerteza: a manutenção da dobradinha reduz os custos estratégicos ligados à escolha do vice. Alckmin acrescenta legitimidade institucional, apelo moderado e sinal de governabilidade para setores empresariais e centristas; para Lula, a sua continuidade significa poder concentrar recursos na agenda de campanha e na defesa do legado do governo, em vez de gastar capital político com negociações internas.

Essa estabilidade também evita que o tema vice seja usado como munição por adversários; ao contrário de candidaturas que precisam definir o nome às vésperas da convenção eleitoral, a coalizão

governista já integrou o vice nas estruturas administrativas e de comunicação, tira a campanha da incerteza logística e narrativa. Grande surpresa da montagem da chapa de 2022, a presença de Geraldo Alckmin (PSB) na Vice-Presidência foi uma mão na roda para Lula. Discreto, afirmativo, pronto para as missões impossíveis, como negociar o tarifaço, não foi figura decorativa no governo, tendo grande desempenho como ministro do Desenvolvimento, Comércio, Indústria e Serviços.

A temporada de caça ao vice ideal tem prazo para terminar: 15 de agosto. Até lá, nada é definitivo, tudo é perigoso. Além das diferenças entre candidaturas, existem fatores que complicam a tomada de decisão. Riscos jurídicos e passivos de nomes escolhidos podem transformar o vice que deveria agregar em um problema existencial: investigações, processos ou escândalos potencializam a necessidade de substituição durante a campanha, o que gera custos de imagem e de mobilização.